

RESGATE DA HISTÓRIA, CULTURA AFRODESCENDENTE E SUAS DIVERSIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ana Lúcia de Melo Santos (1); Edilene Maria da Silva (1); Kátia Tatiana Moraes de Oliveira (2); Marilene da Silva Lima (3); Orientadora: Ms. Nubênia de Lima Tresena (4)

E-mail: analuciamelo79@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem a pretensão de mostrar a história e cultura de uma comunidade remanescente de quilombos, localizada no Sítio Serrote do Gado Bravo, no município de São Bento do Una, Pernambuco, Brasil. Teve como objetivo analisar como acontece as relações entre as pessoas de diferentes grupos étnico-raciais, principalmente as expectativas sobre a história, cultura e educação afrodescendente dessa comunidade. Pois, acredita-se que é parte determinante na construção de valores fundamentais para essas lutas, que é vencer o preconceito da sociedade, não silenciando diante de atitudes discriminatórias vivenciadas no cotidiano desses indivíduos. Justifica-se pela necessidade de mostrar que houve um rompimento com sentimentos de inferioridade e superioridade em relação a inserção do negro no meio familiar, escolar e social, deixando de lado a não aceitação e, principalmente as posições hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais. Ao longo dos relatos orais verificou-se que a vida dos quilombolas do Serrote do Gado Bravo, não diferencia dessa experiência, os mesmos vivenciaram vários sofrimentos por parte dos seus senhores e donos de fazendas, além de seus esforços físicos eram submetidos a humilhações, como força física, falta de humanidade, respeito, entre outros aspectos, que até hoje relembra com tristeza. Assim como o Serrote, há outras comunidades vizinhas como, Jirau, Caldeirãozinho, Primavera e Craíbas, que ocupam parte da antiga fazenda Gado Bravo. Os moradores dessas comunidades compartilham do mesmo modo de vida e experiências, ao todo são 500 famílias que lutam de forma incansável por uma vida mais humana, igualitária e participativa dentro da sociedade.

Palavras-chave: História. Cultura. Afrodescendente. Diversidade.

Introdução

Falar de história e cultura afrodescendente é pensar no Brasil, propõem-se nos dias atuais momentos de reflexões que já pode ser contabilizado como um importante elemento da agenda de debates sobre a educação brasileira. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos do Parecer CNE/CP nº 3/2001 (BRASIL, 2004a) e da respectiva Resolução CNE/CP1/2004 (BRASIL, 2004b), estabelecem a educação das relações étnico-raciais como um núcleo dos projetos político-pedagógicos das instituições de ensino de diferentes graus e como um dos focos das instituições de ensino de diferentes níveis.

Das famílias negras existentes em Pernambuco, a que encontra-se próxima do município de São Bento do Una é o Quilombo do Serrote do Gado Bravo, aproximadamente sete quilômetros da cidade de São Bento do Una, Pernambuco e faz limite com a Vila de

Espírito Santo. Faz-se presente nesta comunidade negra uma história de lutas, sofrimentos, também muitas superações e realizações.

Nos dias atuais cerca de sessenta e cinco famílias que sobrevivem da roça e da bolsa família que é um Projeto do Governo Federal que tem como finalidade subsidiar e melhorar renda financeira, a comunidade também foi beneficiada com outro Projeto do Governo Federal: Minha casa Minha vida que substituiu a casa de taipa por alvenaria. Também construíram uma escola nessa comunidade que atende da educação infantil a educação básica.

Como em todas as comunidades existem conflitos, no quilombo do Serrote não poderia ser diferente, há muitos problemas para serem resolvidos começando pela falta de interesse e conhecimento da história local, o preconceito e o alcoolismo na própria comunidade. Há uma grande resistência, ainda que camuflada, em relação à aceitação da cultura negra, o que nos impede de avançar rumo ao desenvolvimento em todos os aspectos sócio econômico e político.

Segundo Moura (1994, p. 22), “a história do negro no Brasil confunde-se e identifica-se com a formação da própria nação brasileira e acompanha a sua evolução histórica e social”. Trazido como imigrante forçado e, mais do que isto, como escravo, o negro africano e seus descendentes contribuíram com todos aqueles ingredientes que dinamizaram o trabalho durante quase quatro séculos de escravidão. No Brasil o negro teve uma grande participação e contribuição na mão-de-obra, principalmente, nas fazendas produtoras de cana-de-açúcar. Esse negro era trazido à força de seu lugar de origem, transportado em Navios Negreiros, onde alguns não resistiam e morriam no caminho. O negro escravizado era exportado da África para o Brasil, tendo como finalidade principal servir aos senhores feudais.

As relações dos povos africanos e seus descendentes passam por tensões e conflitos, foi a partir da publicação da Lei Áurea que alguns negros passaram a ter sua própria “liberdade”. Quando refere-se ao povo negro, pode-se afirmar que as comunidades descendentes de antigos quilombos emergiram e, estão presentes neste momento histórico, apresentando uma visibilidade no movimento do campesinato brasileiro. Conforme Munanga (1998, p. 17), “o caráter distintivo da raça na sua totalidade é a cor, mas há outros detalhes como os traços do rosto, os cabelos, o odor do corpo, os costumes, entre outros que complementam essa distinção”.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de compreender a história do Quilombo do Serrote Gado Bravo, seus costumes, crenças, tradições e economia, a partir de relatos e críticas dos descendentes e moradores dessa comunidade, informar os demais leitores e despertar o senso de conscientização em relação aos problemas vividos nesta comunidade,

dentro da sociedade e que perduram até os dias atuais, levando-os a pensar como minimizar alguns problemas detectados e preocupantes que ameaçam a vida das famílias que ainda residem nesta localidade.

Teve como objetivo geral, analisar como acontece as relações entre as pessoas de diferentes grupos étnico-raciais, principalmente as expectativas sobre a história, cultura e educação afrodescendente dessa comunidade. E objetivos específicos: Conhecer os principais acontecimentos ocorridos ao longo dos anos da comunidade serrote gado bravo; Identificar as principais resistências dos negros na atualidade quanto a aceitação e o respeito a cor e a raça, além de como lidam com o preconceito na vida comunitária e social; Compreender a história dos moradores da própria comunidade, como viviam antes e o que mudou em suas vidas, quais expectativas, identidade étnica, questão territoriais, religiões, suas contribuições na sociedade contemporânea.

Para compreender melhor a história das comunidades e suas transformações, realizou-se estudos nas obras dos teóricos conhecedores da história e cultura afrodescendente, em especial Gilberto Freyre (2004), que em uma de suas obras Casa Grande e Senzala, relata com detalhe a vida e a importância da contribuição do negro no processo da formação social do nosso país. Dantas, Mattos e Abreu (2012), com seu livro: “O Negro no Brasil”, fazem relatos das trajetórias e lutas para o resgate e exercício de cidadania no espaço onde encontra-se inserido e em demais locais onde frequentam no seu cotidiano. Enquanto Souza (2012), enfatiza os quilombos como espaço de identidade e história, a inquietação e desejo da população negra em busca de direitos e liberdade, entre outros estudiosos.

Metodologia

Buscou-se como aporte metodológico alguns teóricos, como: Mattos (2012), Munanga (2012), Fonseca (2011), Souza (2014) e Pereira; Serrano e Porto (2012), que abordam sobre a cultura e a educação dos povos negros e afrodescendentes no Brasil, em seus aspectos étnico-sociais, ideológicos, históricos e humanos.

Esse trabalho resulta de meses de pesquisa de campo na comunidade com entrevistas orais, consultas aos documentos presentes no acervo da Prefeitura Municipal de São Bento do Una e na Paróquia do Bom Jesus dos Pobres Aflitos, Igreja católica desta cidade e livros que tratam da temática em estudo. A princípio foi solicitado ao líder da comunidade Bartolomeu Florêncio, uma autorização para que permitisse a entrada nas casas das famílias das pessoas entrevistadas que residem nesta comunidade.

A partir dos relatos orais dos afrodescendentes do quilombo (Serrote Gado Bravo), desde sua formação até a atualidade, inicia-se a segunda parte deste trabalho, buscou-se mostrar uma história de lutas, conquistas e reconhecimento de sua história, cultura e educação dentro de sua vivência comunitária, o que é um verdadeiro quilombo, a maneira que sobrevivem e suas principais contribuições no crescimento e desenvolvimento da sociedade da qual faz parte, pois apesar de ainda existir pessoas que não os reconhecem como cidadãos, julgando-se superior ao negro, muitas vezes não percebem que seu sangue é descendente do africano.

Resultados e Discussão

Quando se fala em cultura é uma palavra que tem vários sentidos. Primeiro se diz respeito às informações e os conhecimentos que uma pessoa tem sobre literatura, pintura, coisas ligadas à criação artística, à filosofia e ao saber em forma geral, ou seja, conhecimentos que não se aprendem na escola e nos livros, e no dia a dia, no convívio com os outros, ouvindo os mais velhos e seguindo seus exemplos, incorporado como cultura popular. Em contrapartida para Souza (2014, p. 87):

Esse tipo de estudo começou a ser feito no fim do século XIX, quando também começou a ser definida a ideia de cultura como maneira de pensar, de agir e de fazer de um determinado grupo de pessoas. São muitas as definições de cultura, conforme a época e a linha de interpretação daquele que elabora a definição.

Em relação à cultura das comunidades quilombolas, o primeiro pensamento que se tem é que são negros fugidos e insolados, pois esse é o ponto de vista da sociedade. O racismo encontra-se presente até mesmo entre os próprios membros da comunidade Serrote Gado Bravo, alguns não admitem ser chamados de negros, pois ainda não tem consciência da origem que pertence (MATTOS, 2012).

Um trabalho vem sendo vivenciado ao longo dos anos nas escolas dessa localidade com muito cuidado pelos professores, para que despertem o senso de conscientização, fazendo com que os estudantes identifiquem a beleza e a cultura afrodescendente dentro da própria comunidade através da música, da dança, suas próprias histórias e de outras comunidades quilombolas. Para Fonseca, Silva e Fernandes (2011, p. 13), “a educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens”, empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos e econômicos.

O Quilombo Serrote do Gado Bravo está localizado na zona rural do Município de São Bento do Una, Pernambuco, situado no agreste central pernambucano. Segundo seus moradores, o nome da comunidade deriva da localização de onde vivem: um serrote, uma pequena serra de 350m de altitude. Já a designação “gado brabo” é herdada da antiga fazenda de mesmo nome que foi parcialmente ocupada pelos fundadores do quilombo. Os quilombolas explicam que tal fazenda foi assim batizada porque, no passado, o gado era criado solto no mato, e muitas vezes era necessário amansá-lo (CINTRA, 1983, p. 96).

O quilombo Serrote do Gabo Bravo é conhecido no Estado de Pernambuco, por sua história cultural e resistência, mas a realidade muitas vezes está escondida nos problemas que põem em perigo sua própria existência. A violência doméstica, o alcoolismo, são alguns problemas que veem desestruturando algumas famílias, muitas vezes até mesmo homicídio acontecem, conforme depoimento feito por uma educadora e também descendente da comunidade, que fala:

Algo que acontece de muito sério é a questão do álcool na comunidade, já aconteceu até mesmo de uma mãe alcoolizada matar o esposo a pauladas na frente das crianças e mandar uma delas limpar a sena do crime, então as nossas crianças veem com esses problemas domésticos e é complicado de trabalhar com elas, isso reflete muito em seu aprendizado infelizmente, e na sociedade também, muitas vezes quando falo que sou da comunidade algumas pessoas ficam surpresas sem acreditar, poxa não posso renegar minhas origens mesmo que seja chato, até porque o meu papel é educar as crianças e mostrar o lado positivo de sermos quilombolas (FARIAS, 2017).

Diante desse desabafo, pode-se dizer que a mesma também, de certa forma sofre preconceitos por se declarar educadora e moradora da comunidade. Os moradores do quilombo são muitos preconceituosos, para com os brancos também, lembrando que não são todos que tem preconceitos, e também não são todos os brancos que têm o olhar crítico para a comunidade.

É indispensável, contudo, que a visão do mundo patriarcal de nosso autor assume a perspectiva do branco e do senhor. Por mais que ele valorize a cultura negra e mesmo o comportamento do negro como uma das bases da “tempo dos avós e bisavós”. Maus tempos, sem dúvida, para a maioria dos brasileiros (FREYRE, 2004, p. 36).

Segundo Freyre (2004, p. 16), mesmo que os brancos valorizem a cultura negra, passada de geração a geração o negro sempre será uma segunda opção, é visto por alguns como uma máquina de trabalho pesado ou doméstico. Mas não deve-se perder a esperança de dias melhores, pois apesar dos obstáculos e dificuldades surgidas no caminhar, a comunidade do serrote é reconhecida pela população sãobentense, com sonhos concretizados ou

inacabados, momentos de sofrimentos e felicidades, mas dia após dia continuam buscando seus direitos e, principalmente o respeito e reconhecimento em relação a sua cultura diferenciada, que retrata tão bem a comunidade do Gado Bravo. Não poderia falar de uma comunidade negra sem mencionar sua cultura. Desde o começo, da comunidade, como relata a obra de Gado Brabo, de Ivete Cintra (1983, p. 85), a mesma fala na sua obra que as cabindas fizeram e faz parte da cultura, afro de São Bento do Una, quando fala:

O primeiro grupo de cabindas de São Bento do Una, organizado por João José Zeferino, conhecido por João Coquinho, natural e morador de São Bento, no carnaval de 1927, inspirado no grupo de pesqueira, uma dança com grupo de negros homens, os seus onde seus rostos eram cobertos por tecidos.

O primeiro grupo a apresentar sua dança em homenagem, a uma negra Tereza Rainha; foi um grupo de cabindas, essa negra, a quem me refiro foi a rainha de cabindas, que foi pega em adultério e condenada a escravidão e ao tronco, e espancada até deixar marcas em suas pernas. E no livro Gado Brabo, de Ivete Cintra (1983, p. 88), existe a letra da música das cabindas de São Bento:

Oi sai, sai, na rua, cambinda velha, entre o sol e a lua,
As Cambindas estão de Luto e a Bandeira deu Sinal,
Por causa de uma baiana que morreu em Portugal
Oi levanta abandeira roda o pavilhão
Cambinda velha a primeira nação.
As Cambindas traz no peito três Medalhas de valor
Esta foi a recompensa que o Governador mandou,
Cambinda velha onde é seu natural?
Em São Bento do Una, aminha terra Natal.

Uma cultura belíssima, mais infelizmente foi esquecida pela sociedade, é vivenciada, em algumas escolas do município, mais a cultura que prevalece no quilombo é a capoeira e músicas, como: a roda de coco, afoxé, samba regue e axé, uma cultura, que está sendo resgatada com os jovens e adolescentes da comunidade com um grupo de quilombolas onde os mesmos saem na rua e levam sua música e dança para afro e para sociedade tendo o intuito de mostrar seus talentos, história e resistência.

Além desses projetos também as mulheres da comunidade, tem também uma oficina de bonecas de cabaças, bonequinhas negras, representando a comunidade e outros adereços como enfeites domésticos para casa, onde são vendidas e expostas em alguns eventos na comunidade, e em encontros de quilombolas como seminários.

A mazarca, o coco e o reisado foram uma das danças que marcou muito esses moradores, uma forma de se divertirem e trabalhar também. Quantas lembranças bonitas também entre eles, apesar de sofrimentos eles também tinham suas maneiras de diversões o

mesmo relatou com muitas saudades das lembranças de seu pai e irmão que já morreu. Maria Neta da Silva também recorda algumas, passagens que a marcou como a dança do coco, vejamos a seguir:

A dança do coco começou, quando os negos fazia as casas de barro, eles pisava no chão e cantava ai começou a cria a música do coco, só lembro disso eu tinha a cabeça boa mais tó muito veinha ai as vezes eu me esqueço das coisas num sabe? (SILVA, 2017a).

A mesma lembra com pouco de dificuldades por conta da idade com 91 anos de idade, já está muito cansada, mais ainda deu uma contribuição enorme para esse trabalho. Diversos relatos que se obteve, quase todos ainda relatam preconceitos e discriminação racial, enquanto uma organização pública ou até mesmo privada não prever ou rever esse conceito sobre esse crime racial. O objetivo da comunidade junto com o líder é mostrar que os negros são pessoas, e não escravos ou animais, como relatou o estudante anteriormente, quando abandonou a escola por conta dos apelidos constrangedores como macaco, entre outros, pode-se dizer que e um crime racial sim, por mais que se fale que não há preconceitos ele existe, e não irar sair facilmente.

No que concerne à história do município de São Bento do Una, há cerca de 180 comunidades quilombolas, entre elas a do Serrote do Gado Bravo, próximo à cidade, aproximadamente sete quilômetros, estrada que dá acesso a Serrote e a Vila do Espírito Santo, desde o começo da povoação da cidade de São Bento a autora Ivete Cintra teve acesso a Tesouraria de Irmandade da Paróquia Bom Jesus, documentos esses, que revelam informações de donos e proprietários de fazendas e escravos. De acordo com Cintra (1983, p. 12):

A propriedade Gado Bravo, no município de São Bento do Una, distante da cidade (São Bento) sete quilômetros, marcada no início pelo o serrote do mesmo nome, é hoje, dois núcleos de negros, dividida pela a estrada vicinal que vai para a vila do Espírito Santo, do lado esquerdo-Gado Bravo, do lado direito-Jirau.

De acordo com Cintra (1983, p. 15), consta no cartório de São Bento um documentário de Domingo Ribeiro de Andrade, falecido em 1858, casado com Jerônima Francisca de Pontes deixando 6 (seis) filhos com posse das terras do Serrote Gado Bravo, com uma casa de 5 (cinco) senzalas para pretos e uma casa de fazer farinha. Não há dúvida, que aquela família residiu nessas propriedades e adjacências, tendo em vista que pela primeira vez encontramos documentos que mencionam senzalas. Segundo alguns moradores antigos do Serrote Gado Bravo, o local era uma única propriedade, que depois foi dividido entre herdeiros e cada qual construiu suas fazendas, recebendo o nome de Lisbão e Santa Rita.

Atualmente, existe cerca de cinco comunidades próximas ao Serrote Gado Bravo (Caldeirãozinho, Craíbas, Poço Doce, Girau, Primavera), onde há a existência de negros, no entanto ficar evidenciado que todos fazem parte desta localidade. Um dos pontos que merece destaque é que apesar de sua liberdade os negros vivem sobre o regime escravista como relata o Líder da Comunidade Gado Bravo, Antônio Florêncio (2017), “meu avó era amansador de burro brabo, na fazenda do zoto (outros) os negros era carreiras e muitos lutava com o gado, mermo (mesmo) dexano (deixando) a escravidão”. Ainda não se sabe ao certo, como os negros chegaram ao serrote, se foram escravos que ganharam um pedaço de terra de seus senhores, ou realmente negros fujões como eles são conhecidos. Como afirma Cintra (1983, p. 28):

Reconhecem que, são descendentes de escravos, mais não sabem contar, com a devida clareza como tudo começou, sabem que são quilombolas, pela organização de um grupo de escravos em um lugar de difícil acesso aos brancos, fugindo de maus-tratos, e humilhações, nos levando a crer, que o local foi um refúgio de negros escravizados.

Para Cintra (1983, p. 30), “os dois sítios, Serrote e Jirau já foram um único território, fazendo parte da mesma propriedade Gado Brabo”. Hoje cada qual tem sua história de origem. O Jirau segundo os moradores recebeu esse nome, porque no lugar, eram feitas muitas camas, lavadouros de roupas e também abatedor de milhos, todos os objetos mencionados eram feitos pelos negros que lá residiam. A Craíbas resulta de uma homenagem a uma árvore debaixo da qual os negros tiravam seus cochilos.

Enquanto Caldeirãozinho por conta de um caldeirão onde as negras costumavam lavar roupas. Já a Primavera, o nome se deu por ter grandes plantações de lavouras que sustentavam várias famílias negras, amenizando a fome naquela comunidade. As informações prestadas por Maria Neta da Silva, que tem 88 anos, moradora e descendente de escrava relatou com sua vaga lembrança.

Era Gado Bravo, minha fia (filha) não mi lembro direito, porque mudou só sei que é Serrote moí, (por causa) da serra, e o Jirau, moí das camas de vara, eles cavava o buraco, butava as varas e madeira, fazia as camas não tinha cama nesse tempo e fazia também pias pra botar as panelas de barro por isso o nome de Jirau (SILVA, 2017a).

Silva (2017a), relata a mesma história dos outros moradores, uma história com lembranças marcantes de pessoas sábias de uma criatividade incrível, que embora vivendo em moradias muito humildes conseguiam ser felizes apesar das dificuldades. O quilombo do Serrote do Gado Bravo ocupa, quinze hectares, uma pequena área de terra onde vivem 60

famílias, o local pertencente apenas aos negros propriamente ditos, uma família que vem sobrevivendo a várias gerações com seus costumes e modo de sobrevivência.

A comunidade já não é como anteriormente, hoje os moradores vivem com mais conforto em casas populares, doadas pelo governo do estado de Pernambuco, com dois quartos cozinha, sala e uma pequena varanda, banheiros populares, pois os mesmos moravam em casas de taipa, ou seja, pau a pique com chão batido no barro com duas ou três repartições, como são conhecidas. O principal objetivo dos quilombolas e, indiscutivelmente, a conquista de terras onde possam trabalhar para si próprios. Pereira, Serrano e Porto (2012, p. 62), menciona que: “Outro problema enfrentado pelas comunidades é a segurança. As disputas territoriais são muito comuns e, na maioria das vezes, os conflitos por terra geram situação de insegurança e perigo”. Como o senhor Lorinaldo Alves fala em um de seus depoimentos:

Eu têi (tenho) um grande sôi (sonho) só, queria terra pra trabaia(trabalhar) uma terra mar miôr (mais melhor) pra eu me mover num (não) sabe? Pro que o cabrá sem terra sofre pra trabaia pro zoto, quando acha é ruim de mai (ALVES, 2017).

Diante desse depoimento percebe-se que a comunidade é muito pobre não há lugar para plantar suas lavouras como eles dizem, e poucas que tem é sobre pedras e não serve para a plantação, os quilombolas reclamam dos fazendeiros que usam a terra para criação de gado e não os deixam trabalhar, a não ser no alugado, ou seja, na diária. Para Pereira, Serrano e Porto (2012, p. 62), nos lembram: “que o território e sua garantia são fundamentais para assegurar aos quilombolas sua identidade e a preservação de sua memória”.

Apesar da comunidade do serrote lutar contra o racismo e o preconceito, sofrem na pele, aos olhos de muitos políticos e racistas, pois para muitos o negro tornou-se um grande problema mundial, mais com a assinatura da Lei Áurea, o negro deixou de ser massacrado pelo homem, claro que ainda em pleno século XXI, há diversos preconceitos com o negro, vejamos a seguir um relato, onde um deles recorda com muita tristeza um fato ocorrido há muitos anos atrás:

Na infância eu tinha muita vontade de aprende a lê pra arrumar um trabai (trabalho) e quando meu pai a resolveu butar nós eu e meus irmão que era quatro, quando chegou à escola, a palavra que ele teve foi essa “voceis nego aqui num tem direito a escola” aí meu pai vorto com nós eu nunca vou esquecer essa passagem (FLORÊNCIO, 2017).

Observa-se através do relato de seu Antônio que a escravidão do século XX, deixou marcas profundas que jamais serão cicatrizadas, pois mesmo depois de tantos anos ainda permanecem abertas feridas do preconceito na alma do povo quilombola, conforme relato de Maria Erika Florêncio da Silva, uma das professoras da comunidade e filha de Antônio:

Graças a Deus eu tive mais sorte que meu pai, consegui estudar e fazer uma boa faculdade e hoje sou uma educadora, mais não pense que minha infância foi fácil, sofri preconceitos por ser negra, não brincavam comigo nos intervalos, e minha professora também não gostava de mim porque sou negra, e hoje tenho dificuldades em mi relacionar com os demais (SILVA, 2017b).

O racismo é um fator que abrange todos os grupos sociais, ainda que reconheça que é um crime, percebe-se o impacto de diferentes discriminações na vida do negro. Vivenciando de perto as histórias dos moradores, pode-se fazer essa reflexão de que eles convivem com o preconceito na pele, em algum momento da vida o negro sofreu humilhações, no que concerne à raça, a religião e a moradia. Sabe-se que mesmo diante de um quadro tão caótico como esse, há a resistência negra que não permite que o negro abandone a luta pelos seus direitos e semeie a consciência que pertencem a uma comunidade que tem muitas histórias de lutas e conquistas e experiências para relatar em qualquer lugar que for ou chegar.

Conclusões

Por mais tempo que se tenha passado da história, cultura e a educação afrodescendente da comunidade Serrote Gado Bravo e por modernidades que encontrem em seu cotidiano, essa comunidade quilombola não esquecem seus costumes e raízes africanas, alguns não valorizam mais se procurados relatam muitas histórias relevantes, memórias bonitas de um passado triste e ao mesmo tempo, cheios de vitórias, conquistas e bravuras dos negros que residem nessa região. O quilombo do Serrote do Gado Bravo, é uma comunidade que viveu e ainda vivencia suas credices e raízes africanas, como a reza, chás medicinais e outros métodos de sobrevivência não desmerecendo o atendimento na saúde e educação do município de São Bento do Una, Pernambuco.

As histórias relatadas pelos moradores do quilombo revelou muitas riquezas, antes desconhecidas como etnia, religião, costumes, crenças, educação, dentre outras, importantes e favoráveis, sendo fatores significantes para sua inserção no meio social no exercício da cidadania. Existem muitas contradições, racismo e preconceito entre a sociedade e o quilombola, por esse motivo deve-se inserir e mostrar o significado de ser um quilombola, o porquê dessas famílias viverem em local separados, quais suas lutas, expectativas, como vivem na comunidade, sua educação e cultura local. A partir deste levantamento de dados, este trabalho busca mostrar as lutas e transformações ocorridas no quilombo do Serrote do Gado Bravo, situado no município de São Bento do Una, agreste de Pernambuco, através da

abordagem, das questões históricas, culturais e sociais, tendo o intuito de promover melhorias em todas as áreas da comunidade.

Com isso pode-se perceber como a cultura do Brasil é rica em conhecimentos e tem uma raça de gigantes que o negro por fazer parte de tantas histórias e acontecimentos cotidianos na vida das comunidades brasileiras. Como isso, compreende-se através dos depoimentos das pessoas que fazem parte da comunidade do Serrote Gado Bravo e com no acervo bibliográfico pesquisado, que a história, a cultura e educação dos negros no Brasil, teve uma grande contribuição, nos trabalhos, como nas danças, comidas, entre outros aspectos significativos tão presentes na sociedade contemporânea. São várias recordações, algumas tristes e lamentáveis, outras porém trazem momentos de alegrias e realizações, pois hoje, as crianças da comunidade e os jovens têm outras expectativas de vida e sonhos, apesar das dificuldades e humilhações que já sofreram ao longo de sua história, eles querem e lutam pelo um futuro melhor tanto para si mesmo como para sua família.

Compreende-se através dos depoimentos das pessoas que fazem parte da comunidade do Serrote Gado Bravo e com no acervo bibliográfico pesquisado, que a história, a cultura e educação dos negros no Brasil, teve uma grande contribuição, nos trabalhos, como nas danças, comidas, entre outros aspectos significativos tão presentes na sociedade contemporânea. São várias recordações, algumas tristes e lamentáveis, outras porém trazem momentos de alegrias e realizações, pois hoje, as crianças da comunidade e os jovens têm outras expectativas de vida e sonhos, apesar das dificuldades e humilhações que já sofreram ao longo de sua história, eles querem e lutam pelo um futuro melhor tanto para si mesmo como para sua família.

Esse trabalho teve a pretensão de mostrar que a história do Quilombo do Serrote, com seus costumes, crenças, tradições e economia não fique apenas no papel, principalmente os relatos orais e críticas dos afrodescendentes e moradores dessa comunidade que trazem muitas informações sobre a diversidade cultural e inclusão social, despertem nos indivíduos e governantes o senso de conscientização em relação aos problemas vividos pelos quilombolas dentro da sociedade e que perduram até os dias atuais, levando-os a repensar como minimizar alguns problemas detectados e preocupantes que ameaçam essas famílias que ainda residem nesta localidade e criem políticas públicas que possam melhorar suas vidas. Os conhecimento adquiridos foram gratificantes, principalmente os depoimentos, podendo despertar em cada ser humano a sensibilidade, o aprendizado e, acima de tudo respeito as diferenças, pois o outro precisa ter o direito de ser, viver, pensar com pertencimentos étnico-raciais e sociais.

Referências

ALVES, Lorinaldo. **Depoimento oral:** Morador. São Bento do Una, PE, 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Parecer CNE/CP n. 3/2004. Brasília MEC, 2004a. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Resolução CNE/CP n. 1/2004. Brasília MEC, 2004b. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

CINTRA, Ivete de Moraes. **Gado Brabo de senhores e senzalas.** Prefácio de Napoleão Barroso Braga. Recife, FIAMI Centro de Estudos de História Municipal, 1983.

DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. **O negro no Brasil: Trajetórias e lutas em dez aulas de História.** 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FARIAS, Amanda da Silva. **Depoimento oral:** Educadora. São Bento do Una, PE, 2017.

FLORÊNCIO, Antônio. **Depoimento oral:** Líder da Comunidade Gado Bravo. São Bento do Una, PE, 2017.

FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexandra Borges (Orgs.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. (Coleção Pensar a Educação, Pensar o Brasil).

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzalas.** 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e Cultura Afro-brasileira.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro.** São Paulo: Ática, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SERRANO, Gisella de Amorim; PORTO, Amélia Pereira Batista. **Quilombolas e quilombos: Histórias do povo brasileiro.** Belo Horizonte: Rona, 2012.

SILVA, Erika Florêncio da. **Depoimento oral:** Professora. São Bento do Una, PE, 2017b.

SILVA, Maria Neta da. **Depoimento oral:** Moradora. São Bento do Una, PE, 2017a.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano.** São Paulo: Claro Enigma, 2014.